

SÍNDROME DE *BURNOUT* EM PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS

Lílian Michelly Carvalho Marinho¹; Laryssa Ayanne Batista dos Santos²; Silvânia da Cruz Barbosa³.

1- Universidade Estadual da Paraíba, lilianmichelly.psi@gmail.com; 2- Universidade Estadual da Paraíba, larysyanne@gmail.com; 3- Orientadora, Universidade Estadual da Paraíba, silv.barbosa@gmail.com

Resumo: Medidas administrativas e acadêmicas do governo brasileiro, iniciadas desde 1990, vêm intensificando o trabalho docente, em todos os níveis de educação, e direcionando professores a se adequarem a uma nova cultura mercantil e produtivista. Na educação superior, tal cultura vem se configurando em termos de metas de excelência produtiva, impondo ao professor universitário assumir várias atividades simultâneas num clima de pressão emocional e de alta competitividade. Essa situação vem gerando estresse duradouro e o desenvolvimento de *burnout* - um tipo de patologia com característica tridimensional (Exaustão Emocional, Despersonalização e reduzida Realização Profissional) que surge como uma reação ao estresse laboral crônico. Essa pesquisa, realizada numa universidade pública, teve como objetivo identificar a existência de associação entre as dimensões de *burnout* e características sociodemográficas em professores universitários. Participaram da pesquisa 104 professores. Aplicaram-se os instrumentos: MBI e uma Ficha Sociodemográfica. Os resultados indicaram a Exaustão Emocional como principal fator desencadeante de *burnout*, atingindo 24% da amostra e correlacionando-se diretamente com salário. Na universidade, os mais altos salários são, via de regra, conquistados pela progressão docente, e esta requer produtividade elevada. Assim, os resultados sugerem que o esgotamento psíquico, na amostra, pode estar ligado ao fato de que, para ganhar mais, os professores têm se engajado na cultura produtivista universitária assumindo cargas de trabalho cada vez maiores. Sugere-se que sejam desenvolvidos planos voltados à melhoria da saúde dos docentes psicologicamente esgotados, priorizando as condições de trabalho e as relações interpessoais fornecendo suporte Organizacional e Social no Trabalho.

Palavras-chave: *Burnout*, Professor universitário, Saúde mental.

INTRODUÇÃO

Desde 1990, várias mudanças vêm sendo implementadas no sistema educacional brasileiro, em todos os níveis de educação, visando ajustá-lo às exigências do novo mercado de trabalho engendrado no contexto de reestruturação produtiva (GASPARINI; BARRETO & ASSUNÇÃO, 2005). No cenário de mudanças, o professor passa a ser visto como agente decisivo na formação de trabalhadores produtivos, sendo-lhe exigido equilíbrio emocional, adaptabilidade, e novas habilidades para desempenhar múltiplos papéis e alcançar altos índices de aprendizagem do alunado (MENDES, 2006; PEREIRA, 2012). Tais exigências, entretanto, não se fizeram acompanhadas por melhorias nas condições de trabalho, o que tem provocado, entre os professores, um fenômeno denominado por Esteve (1999) de "mal-estar docente".

No nível de Educação Superior, o conjunto de reformas adotadas nas universidades públicas, vem oferecendo elementos para o surgimento de uma nova cultura produtivista, centrada numa lógica mercantil, que passa a ser estimulada pela concorrência entre docentes e pela busca de um

perfil de professor-empresário, que é aquele capaz de buscar financiamento para os próprios projetos. Avalia-se a produtividade acadêmica desde o momento em que o professor ingressa na carreira, e, para atingi-la dentro das regras exigidas pelos órgãos de fomento (CNPq, CAPES, etc.), o professor precisa desenvolver atividades de ensino/pesquisa/extensão, participar de comissões, fornecer consultorias *Ad-hoc*, produzir e publicar artigos científicos, elaborar relatórios, aprender novos recursos tecnológicos, etc. No entanto, ele nem sempre dispõe de suporte organizacional e/ou infraestrutura adequada para realização de todas as atividades, o que o obriga a levar, muitas vezes, trabalho para o próprio ambiente doméstico, inclusive nos momentos institucionalmente destinados ao descanso e lazer, como finais de semana e férias (BORSOI & PEREIRA, 2011; BORSOI, 2012).

Lima e Lima-Filho (2009) sublinham que o sentido das mudanças estruturais no Ensino Superior está afastando as universidades de um modelo de instituição social e conduzindo-as a adotar um modelo de organização neoprofissional, heterônoma (imposta pelo capitalismo), operacional e empresarial/competitiva. Nessas circunstâncias, o professor experimenta tensões entre qualidade e quantidade, e aquele que não quer ou não consegue se ajustar ao ritmo estafante de produção acumula prejuízos em "efeito cascata", já que a falta de recursos para projetos reduz o volume de produção científica, causando prejuízos à sua avaliação de desempenho, e conseqüentemente à sua progressão de carreira.

Discutindo a intensificação do trabalho docente como decorrente de uma cultura pautada na lógica mercantil de busca por metas e excelência, Borsoi (2012) diz que a pressão por produtividade vem conduzindo o professor a adotar comportamentos competitivos frente aos seus pares, mesmo que isso sacrifique a qualidade da sua produção e a si próprio. E, conforme Carlotto (2004), mesmo sendo possível dizer que a nova configuração do trabalho docente universitário tenha se enriquecido no que diz respeito ao conteúdo do trabalho e seu caráter criativo, não se pode negar que a diversidade, a pluralidade, o volume de atividades e a pressão por produtividade desencadearam e/ou incrementaram fatores estressantes no trabalho, provocando o surgimento de diferentes enfermidades, dentre as quais a Síndrome de *Burnout* (SB), que já é considerada um problema epidêmico mundial e de saúde pública (Tamayo, 1997).

Segundo a Organização Internacional do Trabalho – OIT, a profissão docente é a segunda categoria profissional, em *ranking* mundial, a portar doenças ocupacionais, notadamente *burnout*, devido elevada exposição a fatores de risco psicossociais no trabalho (LAPO & BUENO, 2002; BATISTA *et al.*, 2010). Esse fato coloca em tela a relevância do tema, estimulando muitos países a empreenderem esforços científicos para melhor compreensão do "mal-estar docente". No Brasil,

por exemplo, um levantamento bibliográfico realizado por Freitas e Cruz (2008), entre os anos de 1985 e 2007, constatou um número consistente de pesquisas sobre *burnout* com amostras de professores, o que demonstra um crescente interesse científico pelo tema no contexto da educação brasileira. Mesmo assim, conforme assinala Lima e Lima-Filho (2009), ainda são escassas publicações com docentes universitários, o que justifica a escolha deste nível de ensino na presente pesquisa de campo.

A pesquisa foi realizada no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com o objetivo de identificar a existência de associação entre as dimensões de *burnout* e características sociodemográficas em professores universitários. A escolha pelo CCBS considerou o fato de ele ser o centro que aglomera maior número de departamentos (sete) e de professores (N = 254) da UEPB. A pesquisa respondeu às seguintes questões: Os professores apresentam sintomas característicos de *burnout*? Quais dimensões constituintes do *burnout* são prevalentes na amostra? Quais as principais características sociodemográficas da amostra? Existe associação significativa entre as dimensões de *burnout* e as características sociodemográficas?

REFERENCIAL TEÓRICO

Os primeiros estudos sobre a SB começam na década de 1970, nos Estados Unidos, quando o fenômeno passa a ser observado, teorizado e avaliado pelo psiquiatra Freudenberger (1974) numa perspectiva clínica, e pela psicóloga Maslach (1976) numa perspectiva psicossociológica. No modelo clínico a síndrome é vista como decorrente do desgaste no humor, acompanhado de sintomas físicos e psíquicos de saúde; enquanto no modelo psicossociológico se enfatiza a interação de características pessoais e laborais como desencadeadoras da síndrome.

Além dessas duas abordagens pioneiras, o debate científico tem gerado outras perspectivas teóricas (por exemplo: organizacional, sociohistórica, existencialista), porém, o modelo psicossociológico de Maslach e Jackson (1981) e o instrumento *Maslach Burnout Inventory* (MBI), criado por essas autoras, contam com maior aceitação no meio científico (BENEVIDES-PEREIRA, 2006; VIEIRA, 2010; CAMPOS & MAROCO, 2012; VICENTE & OLIVEIRA, 2013). Em tal modelo, *burnout* é definido como uma reação à tensão emocional crônica no trabalho, caracterizada por sentimentos de Exaustão Emocional (EE), Despersonalização (DP) e reduzida Realização Profissional (rRP).

EE é a dimensão de *burnout* que está diretamente relacionada a aspectos individuais. Manifesta-se pelo esgotamento físico e mental e pela sensação de perda de energia na realização de atividades cotidianas, advindas, sobretudo, da carga excessiva de trabalho e da proximidade intensa com os problemas dos usuários. DP é a dimensão caracterizada pelo distanciamento afetivo, reação negativa, insensibilidade ou afastamento excessivo das pessoas com quem o trabalhador estabelece contato no ambiente de trabalho. Essa dimensão pode ser uma estratégia defensiva do profissional frente à ansiedade que se origina nas relações interpessoais no trabalho. rRP se manifesta pela insatisfação com a execução do trabalho (ineficácia) e sentimento de frustração profissional.

Existem vários instrumentos para medir *burnout* em professores, sendo o *Maslach Burnout Inventory* – versão *Educator's Survey* (MBI-ED), criado por Maslach e Jackson (1981), o mais difundido e usado no mundo. O instrumento possui três subescalas que avaliam cada uma das três dimensões constituintes do *burnout*, acima descritas. A presença de altos escores em EE e em DP e de baixos escores em realização pessoal (rRP) indicam alto nível de *burnout*.

Mesmo existindo poucos estudos nacionais com docentes universitários, foi possível revisar algumas pesquisas que demonstram a situação de desgaste mental nessa categoria. Uma delas, desenvolvida por Borsoi e Pereira (2011), com 96 professores efetivos, analisou aspectos da atividade acadêmica que impactam na saúde e no modo de organizar o tempo dentro e fora do âmbito laboral, considerando as diferenças de gênero. Os resultados revelam que a maioria ultrapassa a jornada regular laboral para tentar cumprir as atividades acadêmicas. Em relação à saúde, as maiores queixas foram de ordem psicoemocional e/ou psicossomática. Diferentemente dos homens, as mulheres têm jornadas de trabalho mais extensas, usam com mais frequência medicamentos e apresentam mais sintomas de sofrimento ou adoecimento.

Em outra pesquisa, realizada por Garcia e Benevides-Pereira (2003), com 79 professores de uma universidade privada do Paraná, avaliaram-se as dificuldades do trabalho e níveis de *burnout*. Foram identificados 31,6% da amostra com acentuada EE, 19% com elevada DP e 21,5% com rRP. Os resultados evidenciaram a dimensão EE como a mais impactante, atingindo 1/3 do grupo e apresentando-se mais elevada no gênero feminino, conduzindo as autoras a concluir que tal dimensão merece maior atenção nos planos de intervenção para melhoria da saúde da amostra.

Na pesquisa de Carlotto (2004), com 280 professores universitários de Porto Alegre, buscou-se identificar a associação da síndrome de *burnout* e características de cargo. Os Resultados indicaram associação negativa da EE com a “identificação com a tarefa”, “autonomia” e “potencial motivacional do cargo”; a DP se associou negativamente com “significado da tarefa”, com

“identificação com a tarefa”, “autonomia e “potencial motivacional do cargo”; e a rRP se associou negativamente com o “significado da tarefa”, “autonomia”, “*feedback* do cargo” e “potencial motivacional”.

A pesquisa de Costa *et al.* (2013) aplicou o CESQT (Questionário de Avaliação para Síndrome de *Burnout*) para avaliar a prevalência da síndrome de *burnout* em uma amostra de 169 professores de universidades públicas e privadas da cidade de Piracicaba (SP). Foram identificados 11,2% da amostra com moderada SB (Perfil 1), ou seja, apresentando baixos níveis de Ilusão pelo trabalho, e altos níveis de Desgaste e de Indolência; e 3% da amostra com formas mais graves de SB (Perfil 2) que além dos sintomas já mencionados, apresentam, também, sentimentos de Culpa.

O estudo epidemiológico de Suda *et al.* (2011) realizado em uma universidade de São Paulo, com 50 professores, verificou a relação entre o nível de saúde geral, a ocorrência de dor musculoesquelética, a frequência de sintomas musculoesqueléticos e a presença da síndrome de *burnout*. Nenhuma dimensão do *burnout* foi afetada e a Exaustão Emocional foi a única dimensão que se correlacionou positivamente com os níveis de saúde geral, indicando que a saúde deteriorada, percebida subjetivamente, interfere diretamente nos déficits de energia e de entusiasmo do professor pelo trabalho.

MÉTODO

Tipo de pesquisa e amostra

A pesquisa é do tipo descritivo, uma vez que as relações entre as variáveis foram feitas sem manipulá-las (GIL, 1987), e de corte transversal, já que todas as medições foram feitas num dado momento (BORDALO, 2006). Para compor a amostra, recorreu-se a uma estratégia do tipo acidental não probabilística (SARRIÁ, GUARDIÃ & FREIXA, 1999), que se caracteriza por coletar dados no maior número possível de sujeitos, conforme acessibilidade e disponibilidade dos mesmos em colaborar com a pesquisa. Foram incluídos na pesquisa professores de ambos os sexos, efetivos e substitutos, que estavam em pleno exercício profissional e que aceitaram participar da pesquisa. Foram excluídos os docentes afastados ou de licença (por quaisquer motivos), bem como os que estavam lecionando a menos de um ano na UEPB e os que se recusaram a participar da pesquisa. Com base nesse procedimento obteve-se a participação de 104 professores, correspondendo a 40,9% da população.

Instrumentos

Aplicou-se o MBI – versão ED, adaptada e validada para uso no Brasil por Carlotto e Câmara (2004) em uma amostra de professores. Nessa validação a escala é formada por 22 itens, com sistema de pontuação que variam de 1 (nunca) a 5 (diariamente), distribuídos entre os três fatores constituintes do *burnout*: EE (alfa = 0,88), DP (alfa = 0,58) e rRP (alfa = 0,82).

Para caracterizar a amostra e fazer relações com as três dimensões de *burnout*, utilizou-se uma Ficha Sociodemográfica que recolheu dados biográficos (sexo, idade, estado civil, número de filhos, escolaridade) e sociolaborais (renda salarial, tempo de experiência docente, modalidade de contrato, regime de trabalho, e se exerce outra atividade remunerada).

Procedimento de coleta de dados

A coleta de dados foi iniciada após receber a permissão do Diretor do CCBS e a aprovação do Conselho de Ética da UEPB, protocolo N° 51921515.9.0000.5187, em conformidade com a Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Em seguida, foram realizados contatos diretos com as chefias de cada departamento do CCBS a fim de apresentar os objetivos da pesquisa, e discutir sobre formas de coletar os dados sem interferir nas atividades universitárias. Decidiu-se, então, que os dados seriam coletados no próprio ambiente de trabalho dos professores antes das reuniões departamentais, e em horários de intervalos de aulas e/ou de atividades, com anuência de cada professor.

Antes de preencher os protocolos, os professores foram informados sobre os objetivos e os aspectos éticos da pesquisa. Todos que aceitaram participar do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. O tempo gasto por cada professor para responder o protocolo foi de, aproximadamente, 20 minutos.

Procedimento de análise de dados

Utilizou-se o *Statistical Package of Social Science* (SPSS) para registro e análise dos dados. Efetuaram-se análises estatísticas descritivas (média, frequência, desvio-padrão e porcentagem) e foram elaboradas tabelas cruzadas aplicando-se o teste de Qui-quadrado para relacionar as três dimensões de *burnout* com as características sociodemográficas. Nos resultados foram exclusivamente discutidas as variáveis sociodemográficas que apresentaram alguma evidência de associação com as dimensões de *burnout*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Os dados sociobiográficos indicam que a amostra é composta por 66,3% de professoras e 33,7% de professores. A maioria (64,4%) tem de 1 a 3 filhos ($M = 1,50$; $dp = 1,30$), contudo há uma boa parcela sem filhos (30,8%). A idade variou de 27 a 70 anos ($M = 47,1$; $dp = 10,28$), com coeficiente de variação de 22%. O estado civil da maioria é casado (55,8%), seguido da condição de solteiro (18,3%), separado/divorciado (11,5%), união estável (11,5%) e viúvo (2,9%). O grau de escolaridade predominante é de doutorado (58,7%), seguido de mestrado (24%), especialista (7,7%) e graduado (1,9%).

Os dados sócio-ocupacionais indicam que o tempo de experiência profissional variou de 1 a 36 anos ($M = 16,44$; $dp = 10,56$), com coeficiente de variação de 64%. A maioria tem vínculo contratual efetivo com a universidade (82,7%), enquanto 17,3% tem contrato temporário (professor substituto). Quanto ao regime de trabalho, 68,3% têm dedicação exclusiva (Retide), 29,8% trabalham em regime T-40 e apenas 1,9% em regime T-20. A maioria recebe entre 4 e 12 salários mínimos (65,3%), 31,7% ganha acima de 12 salários mínimos e 1% ganha abaixo de 4 salários mínimos. A maioria (77,9%) possui apenas o emprego da universidade, porém 22,1% tem outra atividade remunerada (por exemplo, lecionar em outras universidades ou escolas, atuar em consultórios próprios ou em hospitais).

BURNOUT NA AMOSTRA

No MBI, um indivíduo está acometido por *burnout* quando apresenta altos escores em Exaustão Emocional e em Despersonalização, seguido de baixos escores em Realização Profissional (rRP) (BATISTA *et al.*, 2010; TAMAYO, ARGOLO & BORGES, 2005; VIEIRA *et al.*, 2006). Para identificar os níveis altos e baixos de *burnout* na amostra, utilizou-se como critério de ponto de corte a frequência de sintomas na escala *Likert* igual ou superior a 3 (opção "algumas vezes durante o mês"). Com base nesse critério, foram calculadas as médias individuais dos três fatores integrantes de *burnout*, obtendo-se respectivamente $M = 2,29$ ($dp = 0,88$) para EE, $M = 1,63$ ($dp = 0,65$) para DP, e $M = 4,17$ ($dp = 0,66$) para Realização Profissional.

Em seguida, calcularam-se os níveis de *burnout* (baixo e alto) em cada fator com base na escala de resposta *Likert* ≤ 3 e > 3 . Os resultados (Tabela 1) mostram que a dimensão EE atinge 24%

dos docentes, a DP atinge 2,9%, e a rRP atinge 7,7%. Corroborando os estudos de Garcia e Benevides-Pereira (2003) e de Suda *et al.* (2011), a Exaustão Emocional se destacou como a dimensão mais afetada na amostra, chamando a atenção para a importância de incluí-la nos planos de intervenção de saúde, visto que ela é apontada como central no modelo psicossociológico de Maslach e como a que primeiro se manifesta na ordem sequencial do aparecimento da síndrome.

Tabela 1. *Burnout em docentes universitários (N = 104)*

Dimensões de <i>burnout</i>	Média ≤ 3	Frequência %	Média > 3	Frequência %	Frequência %
EE	79	76	25	24	100
DE	101	97,1	3	2,9	100
RP	8	7,7	96	92,3	100

Para analisar a relação entre as três dimensões de *burnout* e as variáveis sociodemográficas, elaborou-se uma tabela de dupla entrada e se aplicou o teste de Qui-quadrado (χ^2). Os resultados (Tabela 2) indicam que a dimensão Exaustão Emocional apresentou associação significativa com renda salarial [$\chi^2 = 186,82$; $p < 0,001$], sugerindo que os que recebem maiores salários tendem a maior esgotamento emocional; a Despersonalização se associou com idade [$\chi^2 = 450,94$; $p < 0,01$], sugerindo que os mais velhos tendem a ser mais frios e hostis nas relações interpessoais. A Realização Profissional se associou com o nível de escolaridade [$\chi^2 = 106,99$; $p < 0,02$], sugerindo que os mais escolarizados são os mais realizados profissionalmente.

Tabela 2. *Relação entre as variáveis sociodemográficas e as dimensões da síndrome de burnout em professores universitários*

Variáveis	EE	DE	RP
Idade	0,94	0,01*	0,94
Escolaridade	0,84	0,72	0,02*
Renda salarial	0,001**	0,93	0,68

O cálculo de tabela cruzada simples mostrou que os professores que recebem acima de 10 salários mínimos são os que apresentam maiores níveis de Exaustão Emocional (67,7%). Os que apresentam maior Despersonalização têm entre 47 e 56 anos de idade (38,5%), sendo essa a faixa etária em que geralmente as pessoas fazem um balanço de sua carreira e podem experimentar decepção profissional. Os participantes com titulação de doutorado (58,7% da amostra) são os que se declaram mais realizados profissionalmente, o que não é de se estranhar porque quanto mais elevada a escolarização, maior possibilidade de remuneração salarial e de reconhecimento por mérito de crescimento na carreira .

A dimensão Exaustão Emocional, que se sobressaiu nos resultados correlacionada à renda salarial, possibilita inferir que para conquistar altos salários e o topo da carreira por meio da progressão docente, é muito provável que os professores universitário estejam assumindo elevadas cargas de trabalho em busca da alta produtividade, e que esta situação esteja contribuindo para deixá-lo vulnerável ao esgotamento emocional.

Ressalta-se que os estudos sobre a relação entre *burnout* e características sociodemográfica são controvertidos, dificultando, assim, estabelecer claramente a influência dessas características no surgimento, desencadeamento ou propensão à síndrome. Apesar dessa dificuldade, na presente pesquisa, os dados referentes à associação entre idade e Despersonalização corroboram a pesquisa de Batista *et al.* (2010), porém contradizem a pesquisa de Gil-Monte e Peiró (1997), na qual os profissionais mais jovens, com menos de 30 anos, são mais afetivamente endurecidos e geralmente mais propensos à síndrome.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto de reformas educacionais, a nova configuração do trabalho docente veio trazer responsabilidades complexas para os professores universitários gerando, ao mesmo tempo, situações de enriquecimento e de motivação no trabalho, e fatores de estresse laboral que podem levar à síndrome de *burnout*.

Essa pesquisa foi planejada para identificar se há *burnout* em docentes universitários da UEPB e se essa síndrome se associa às características sociodemográficas. Identificou-se a Exaustão Emocional como o principal fator desencadeante de *burnout* na amostra e que tal fator correlaciona-se claramente com a renda salarial, podendo-se concluir que a busca por altos salários é um fator potencializador do esgotamento mental, já que o aumento salarial do professor depende da sua ascensão na carreira acadêmica, conseqüentemente sua inserção na cultura de produtividade universitária.

É importante considerar que uma limitação dessa pesquisa é que ela foi realizada em um contexto sociolaboral específico, não devendo seus resultados serem generalizados para professores de outras realidades institucionais. Apesar dessa limitação, os resultados podem subsidiar planos de ação na UEPB para evitar que o processo de desenvolvimento do *burnout*, iniciado na amostra pela Exaustão Emocional, evolua para as suas duas outras dimensões constituintes (DP e rRP) ou possa

se alastrar, por contágio emocional, entre os que ainda não estão emocionalmente exauridos. Tais planos devem se concentrar na melhoria das condições de trabalho fornecendo aos professores Suporte Organizacional e Social, priorizando as relações interpessoais.

Sublinha-se a importância de se investir em mais estudos com professores universitários e de outros níveis de ensino, visto que ele é o principal agente no processo de educação dos indivíduos e precisa estar emocionalmente equilibrado para formar bons cidadãos e trabalhadores eficazes. Ademais, sabe-se que professores emocionalmente desgastados tendem a evadir-se do magistério sem concretizar efetivamente sua saída institucional – fenômeno denominado Abandono Psicológico –, e que a maioria o faz por problemas de natureza psicoemocional e/ou psicossomática, como a SB, com sérios custos na qualidade do ensino, no desempenho e na formação escolar (Borsoi & Pereira, 2011; Lapo; Bueno, 2002).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, J. B.; CARLOTTO, M. S.; COUTINHO, A. S.; AUGUSTO, L. G. S. Prevalência da síndrome de burnout e fatores sociodemográficos e laborais em professores de escolas municipais da cidade de João Pessoa, PB. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 13, n. 3, 2010, p. 502-512. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415790X2010000300013&script=sci_arttext. Acesso em: 15/07/2016.
- BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. Síndrome de *burnout* ou desgaste psíquico no trabalho. **Boletim de Psicologia**, v. 55, n. 124, 2006, p. 127-129.
- BORDALO, A. A. Estudo transversal e/ou longitudinal. **Revista Paranaense de Psicologia**, v. 20, n. 4, 2006, p. 5. Disponível em: <http://scielo.iec.pa.gov.br/pdf/rpm/v20n4/v20n4a01.pdf>. Acesso em: 10/02/2013.
- BORSOI, I. C. F. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições pública de ensino superior. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 15, n. 1, 2012, p. 81-100.
- BORSOI, I. C. F.; PEREIRA, F. S. Mulheres e homens em jornadas sem limites: docência, gênero e sofrimento. **Temporalis**, v. 1, n. 21, 2011, p. 119-145.
- CAMPOS, J. A. D. B.; MAROCO, J. Adaptação transcultural Portugal-Brasil do Inventário de *Burnout* de Maslach para estudantes. **Revista de Saúde Pública**, v. 46, n. 5, 2012, p. 816-824. Disponível em: http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102012000500008 Acesso em: 05/09/2016.

CARLOTTO, M. S. Síndrome de Burnout e características de cargo em professores universitários. **Revista Psicologia, Organizações e Trabalho**, v. 4, n. 2, 2004, p. 145-162. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v4n2/v4n2a07.pdf> Acesso em: 30/06/2015.

CARLOTTO, M. S., CÂMARA, S. G. Análise fatorial do Maslach *Burnout* Inventory (MBI) em uma amostra de professores de instituições particulares. **Psicologia em Estudo**, v. 9, n. 3, 2004, p. 499-505. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722004000300018&script=sci_arttext. Acesso em: 30/06/2015.

COSTA, L. S. T.; GIL-MONTE, P. R.; POSSOBON, R. F.; AMBROSANO, G. M. B. Prevalência da síndrome de *burnout* em uma amostra de professores universitário brasileiros. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 4, 2013, p. 636-642. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722013000400003. Acesso em: 04/12/2015.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru: EDUSC, 1999.

FREITAS, C. R.; CRUZ, R. M. Saúde e trabalho docente. In: XXVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 2008, Rio de Janeiro, **Anais ...** Rio de Janeiro: Abepro, 2008, p. 1-15.

FREUDENBERGER, H. J. Staff *burnout*. In: **Journal of Social Issues**, v. 30, 1974. p.159-165.

GARCIA, L. P.; BENEVIDES-PEREIRA, A. M. Investigando o burnout em professores universitários. **Revista Eletrônica InterAçãoPsy**, v. 1, n. 1, 2003, p. 76-89. Disponível em: http://www.saudeetrabalho.com.br/download_2/burnout-prof-universitario.pdf. Acesso em: 07/07/2015.

GASPARINE, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, v. 1, n. 2, 2005, p. 189-199.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GIL-MONTE, P.; PEIRÓ, J. M. **Desgaste psíquico en el trabajo: El síndrome de Quemarse**. Madrid: Síntesis Psicología, 1997.

LAPO, F. R.; BUENO, B. O. O abandono do magistério: vínculos e rupturas com o trabalho docente. **Psicologia USP**, v. 13, n.2, 2002, p. 243-276.

LIMA, M. F. E. M.; LIMA-FILHO, D. O. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. **Ciências & Cognição**, v. 14, n. 3, 2009, p. 62-82.

MASLACH, C.; JACKSON, S. E. **Maslach *Burnout* Inventory**. Palo Alto: Consulting Psychologist Press, 1981

MENDES, M. L. M. Condições de trabalho e saúde docente. In: VI SEMINÁRIO DA REGULAÇÃO EDUCACIONAL E TRABALHO DOCENTE - REDESTRADO. UERJ, 2006, Rio de Janeiro, **Anais ...** Rio de Janeiro, 2006, p. 1-9.

PEREIRA, J. A. Sofrimento mental relacionado ao trabalho docente. In: VIII SEMINÁRIO DE SAÚDE DO TRABALHADOR. E VI SEMINÁRIO "O TRABALHO EM DEBATE". UNESP/ USP/STICF/ CNTI/ UFSC, 2012, Franca, **Anais ...** São Paulo, 2012, p. 1-14.

SARRIÀ, A.; GUARDIÀ, J.; FREIXA, M. **Introducción a la estadística en Psicología**. Barcelona: Ediciones de la Universidad de Barcelona, 1999.

SUDA, E. Y.; COELHO, A. T.; BERTACI, A. C.; SANTOS, B. B. Relação entre nível geral de saúde, dor musculoesquelética e síndrome de *burnout* em professores universitários. **Fisioterapia e pesquisa**. v. 18, n. 3, 2011, p. 270-274. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-29502011000300012. Acesso em: 15/07/2016.

TAMAYO, M. R.; ARGOLO, J. C. T.; BORGES, L. O. Burnout em profissionais de saúde: Um estudo com trabalhadores do município de Natal. In: BORGES, L. O. (Org.). **Os profissionais de saúde e o seu trabalho**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, p. 223-246.

TAMAYO, R. M. **Relação entre a síndrome de burnout e os valores organizacionais no pessoal de enfermagem de dois hospitais públicos**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1997.

VICENTE, C. S.; OLIVEIRA, R. A. Análise fatorial do inventário de burnout de Maslach (MBI-HSS) em profissionais portugueses. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 14, n. 1, 2013. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862013000100_010. Acesso em: 05/09/2016.

VIEIRA, I. Conceito de burnout: questões atuais de pesquisa e a contribuição clínica. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 122, n. 35, 2010, p. 269-276.

VIEIRA, I.; RAMOS, A.; MARTINS, D.; BUCASIO, E.; BENEVIDES-PEREIRA, A. M.; FIGUEIRA, I.; JARDIM, S. Burnout na clínica psiquiátrica: relato de um caso. **Revista de Psiquiatria**, v. 28, n. 3, 2006, p. 352-356.